

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana	
Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros	
Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira	
Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler	
Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola	
Evandro César Clemente	
Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa	
Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

PERCEPÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA

Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Doutorando na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, Recife - PE

Rodrigo Dutra Gomes

Professor Adjunto na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, Recife – PE

RESUMO: O presente trabalho propõe um diálogo entre a Geografia Crítica e a Geografia Humanista, tendo como fio condutor a percepção do espaço e a paisagem. A Geografia Crítica, que busca compreender o espaço como produto das relações sociais de produção, tem como suporte metodológico principal o materialismo histórico e dialético. Já na Geografia Humanista, empenhada na discussão sobre espaço e subjetividade, as abordagens sistêmica e fenomenológica ganham relevo. A paisagem - enquanto “maneira de ver” - contribui para as convergências entre essas duas tradições, na medida em que a percepção e a subjetividade orientam a ação dos sujeitos no espaço. No Sudoeste do Recife-PE, em área cuja transformação tem sido protagonizada por ações do Estado, de moradores e da iniciativa privada, é possível identificar a relação entre os discursos produzidos, as diferentes percepções da paisagem e as contradições que permeiam

as relações entre os agentes no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Geografia Crítica; Geografia Humanista

1 | INTRODUÇÃO

Em um contexto marcado pela crítica emergente a fragmentação dos saberes, onde as ciências em geral são provocadas a (re) construir laços rumo a uma compreensão articulada dos fenômenos, à Geografia em particular são postos novos e velhos desafios. A superação do caráter dual da disciplina, representado nas polarizações Geografia Geral/Geografia Regional, Geografia Física/Geografia Humana, recorrentemente objeto de críticas em seminários e palestras, não encontra na elaboração de seus críticos uma resolução plena. Será apenas uma demonstração de incoerência? Quais são os elementos que estão legitimando a permanência destas dualidades, mesmo em meio às críticas que estão postas?

Não é o objetivo deste trabalho trazer respostas às perguntas que apresentamos acima. Ao levantá-las, no entanto, pretende-se deixar claro que o prolongamento de certos afastamentos entre tradições de uma mesma Geografia não é resultado da indisposição de superá-los, mas ocorre que mesmo existindo

disposição para fazê-lo, as ferramentas necessárias para desenvolver esta superação estão ainda por serem elaboradas. É como alguém que, tendo a convicção de uma trilha a ser percorrida, quando questionado como fazer para seguir adiante, não sabe ainda que resposta dar. Estes somos nós tentando transpor os limites estabelecidos no âmbito da Geografia. Sabemos que é necessário superá-los, mas ainda estamos por descobrir o “como fazer”.

É na perspectiva de propor um diálogo entre duas tradições da Geografia que este trabalho foi elaborado. Embora tenhamos convicção de que é possível percorrer esta trilha, as ferramentas necessárias para este percurso ainda estão em construção. Já há pesquisadores e pesquisadoras empenhados neste diálogo, o que faz desta caminhada menos solitária, além de apresentar algumas pistas para o seu percurso. Tendo como referência trabalhos que já propõem uma reflexão nesta direção (COSGROVE, 1998, 2004; DANIELS, 1989), consideramos que a percepção do espaço e a paisagem abrem possibilidade para iniciarmos o diálogo entre a Geografia Crítica e a Geografia Humanista.

Na trilha que esta reflexão abre, questionamo-nos: a dimensão subjetiva contida na percepção do espaço e as paisagens pensadas enquanto “maneiras de ver” (COSGROVE, 2004) - preocupações da Geografia Humanista - não estariam relacionadas com o processo de acumulação e com os conflitos e colaborações entre os agentes produtores do espaço (CORRÊA, 1989)? Consideramos premissa para responder esta questão identificar os pontos de convergência existentes entre as duas tradições do pensamento geográfico supramencionadas. Por isso, dedicaremos o primeiro momento de nossa reflexão ao cumprimento deste objetivo. Responder a pergunta ainda requer que definamos com clareza o que chamamos percepção do espaço, paisagem e agentes produtores do espaço, bem como articular estas noções básicas com as duas tradições.

A partir da discussão das relações entre Geografia Crítica e Humanista, bem como da definição dos conceitos aqui mencionados, buscaremos compreender as narrativas construídas acerca de um processo vivenciado no Recife, em área que foi objeto de recentes transformações promovidas pelo Estado e por moradores. Sendo também alvo de interesse da iniciativa privada para a produção de unidades residenciais de um “bairro planejado” e um centro comercial, na mesma localidade realizou-se ocupação urbana no ano de 2015. Compreendendo que o estudo da área em questão está em fase inicial, apresentaremos aqui alguns elementos que nos levam a pensar relação entre a disputa material pelo terreno e a disputa subjetiva em torno do que é sustentável e não sustentável, legal e ilegal, regular e irregular.

2 | GEOGRAFIA CRÍTICA E GEOGRAFIA HUMANISTA: POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS

A Geografia Crítica expressa, no âmbito das ciências geográficas, um movimento que alcançou de forma semelhante as demais ciências sociais, tais como a Sociologia, Ciência Política e a Antropologia. Este movimento tem início nos Estados Unidos e na Europa e busca construir uma alternativa frente às abordagens acadêmicas tradicionais, recorrendo a teoria marxista para a elaboração de uma abordagem crítica (CAPEL, 1981). Questões essenciais para o marxismo, como a concepção materialista e dialética da história, os antagonismos entre classes sociais e as noções de valor de uso e troca passam a fazer parte das preocupações dos pesquisadores.

Na Geografia, somente a partir da década de 1970 a tendência crítica começa a se consolidar. Representam importantes marcos neste sentido as fundações das revistas *Antipode* (1969) e *Herodote* (1976), publicações que refletem o fortalecimento de um pensamento crítico de base marxista, buscando abordar temas que fossem de encontro as preocupações sociais da época. Esta consolidação não se dá em um vazio na história: recordemos que na década de 1970 países onde o pensamento crítico floresceu vivenciaram crises econômicas de grande repercussão. Dialeticamente, a emergência das ideias críticas ocorre paralelamente a ascensão do neoliberalismo no âmbito das administrações nacionais.

A vertente crítica da Geografia compreende o espaço a partir da reprodução das relações sociais de produção. Parte, para isso, da compreensão de uma sociedade de classes, entendendo que o espaço reflete as contradições inerentes ao processo de produção de mercadorias, sendo em um só tempo uma condição para a acumulação capitalista e um produto dela (CARLOS, 2008). Nesse sentido, temas como a ação dos movimentos sociais, a produção desigual das cidades, os conflitos territoriais no campo e o componente geopolítico terão grande relevância para a Geografia Crítica. O território, expressão das relações de poder no espaço; e o espaço, como meio de reprodução do capital, serão os conceitos mais utilizados nesta abordagem.

A Geografia Humanista é também tributária de correntes do pensamento científico que extrapolam os limites das ciências geográficas. Emerge com a crítica ao paradigma cartesiano e a ciência positivista, recorrendo a fenomenologia e ao existencialismo na elaboração da crítica as abordagens tradicionais. Para Capel (1981), esta corrente de pensamento deriva do descobrimento na Geografia da dimensão subjetiva e da experiência pessoal, alcançado pela Geografia da percepção e do comportamento.

As questões da subjetividade e da percepção do espaço ganham destaque na Geografia Humanista. A busca pela compreensão da relação entre o espaço e os indivíduos rejeita as abstrações economicistas para mergulhar nas dimensões afetivas, nas intenções e desejos, na diversidade de relações simbólicas possíveis no jogo entre o humano, o espaço que existe fora de si e as projeções deste espaço captadas através dos sentidos e lidas pelo filtro do olhar. Nesse sentido

“el énfasis se traslada del espacio, un concepto abstracto, al lugar, en ámbito de la existencia real y de la experiencia vivida. El concepto fenomenológico y existencialista de <<Lebenswelt>> está, en último término, en la base de este desplazamiento del interés hacia el <<mundo vivido>> (Lifeworld, monde vécu)” (CAPEL, 1981, p. 444).

Refletir sobre as possíveis convergências entre as duas correntes da Geografia aqui discutidas exige uma leitura sobre sua origem e consolidação na trajetória da Geografia em particular e das ciências em geral. Marandola Jr. (2005) afirma ter sido o século XX um período fecundo para a produção de alternativas ao paradigma científico moderno, concluindo que no referido século ergueram-se duas correntes que, juntamente com o neopositivismo, compõem uma tríade que tem orientado a ciência e a filosofia a partir do século XXI. “Uma possui orientação crítica, com fortes raízes no marxismo. Outra fundamenta-se na fenomenologia de Husserl, com orientação humanista” (MARANDOLA JR., 2005, p. 400). Portanto, a inconformidade com o paradigma neopositivista dominante seria uma origem comum das duas correntes emergentes.

Cosgrove apresenta semelhante raciocínio ao discutir as premissas compartilhadas entre o marxismo e a Geografia cultural, que em sua visão “começam no mesmo ponto ontológico. Em oposição estrita a qualquer forma de determinismo ou explicação linear causal, insistem em caracterizar a relação entre seres humanos e natureza como histórica” (COSGROVE, 1998, p. 6). Esta consideração de Cosgrove, como a de Marandola Jr. acabam por aproximar as correntes de pensamento mais pela rejeição comum ao paradigma neopositivista, do que por eventuais aproximações entre elas.

Críticas das mais diferentes tonalidades são elaboradas em relação ao paradigma dominante nas ciências e isso não significa, necessariamente, que estas tonalidades se harmonizem. De um ponto de discordância comum, rotas alternativas podem ser traçadas em direções semelhantes, mas em sentidos conflitantes. Por vezes, a crítica humanista também se dirigiu ao marxismo, mas houve também convergências, na proposição de um marxismo fenomenológico e de um existencialismo marxista (CAPEL, 1981).

Encontrar uma convergência de sentidos entre as tradições humanista e crítica em Geografia exige-nos ir além da identificação de seu “adversário” comum na tríade epistemológica do pensamento geográfico contemporâneo. Requer que pensemos qual o lugar da dimensão subjetiva/afetiva no contexto das relações sociais de produção. Esta não é uma tarefa fácil, pois, como desde o início alertamos, a intenção manifesta de trabalhar pelas convergências frequentemente encontrará obstáculos pelo alto grau de fragmentação no interior da própria disciplina.

Por exemplo, enquanto a Geografia Humanista recorre mais ao conceito de lugar, a dimensão do vivido, a Geografia Crítica enfatiza mais o território, e as relações de poder nas quais este se origina. Mas isso não significa que as contradições das

relações de produção não se fazem sentir na esfera do lugar, ou que território e poder não estão permeados pela subjetividade. A ênfase que cada escola confere ao território e ao lugar acaba por remover do primeiro a dimensão afetiva/subjetiva e excluir do segundo as relações de poder e contradições sociais. Temos um território sem afetividade e um lugar sem classes.

Para que um efetivo diálogo entre as tradições crítica e humanista aconteça, é preciso recuperar o que há de subjetivo nas relações sociais de produção. Ao afirmar que a burguesia “rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a meras relações monetárias” (MARX e ENGELS, 2010), tem-se um exemplo de vinculação das relações de produção com a subjetividade pessoal e coletiva. Com efeito, conforme Cosgrove, Marx e Engels “ênfatizam que o modo de produção é um modo de vida, apoiado no mundo material por seres humanos intencionais” (COSGROVE, 1998, p. 7), embora certas vertentes do marxismo tenham reduzido o modo de produção a um modo de produção e circulação de mercadorias.

3 | PAISAGEM E PERCEPÇÃO DO ESPAÇO: ENTRE O MATERIAL E O SUBJETIVO

A paisagem, até pela diversidade de significados que esta palavra condensa, conseguiu transitar entre escolas do pensamento geográfico com maior facilidade. Hard (apud. GOMES, 2007) apresenta ao menos 11 tipologias correspondentes à paisagem, tais como aspectos fisionômicos de microespaços, constantes históricas de recortes espaciais e até mesmo o espaço terrestre no conjunto das coisas nele contidas. Segundo Barros (2006), em dado momento, o conceito de paisagem quase coincide com o conceito de região, tendo sido frequentemente utilizados como sinônimos na linguagem geográfica.

Na chamada Geografia Física, trabalhos discutem a evolução das paisagens, enquanto na Geografia Humana, a paisagem tem sido recorrentemente utilizada para ressaltar os aspectos subjetivos inerentes ao ato de observar e construir significados a partir dos referentes ideológicos do indivíduo, compreendidos como “um reservatório de ideias fundamentais, um conjunto de representações que o indivíduo utiliza para justificar ou guiar suas condutas, especialmente diante de situações particulares” (BERDOULAY, 2012, p. 113).

Para Santos, “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem [...]. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 2014b, p. 21). Em *A Natureza do Espaço*, a discussão sobre a paisagem reaparece, na forma de uma distinção epistemológica em relação ao conceito de espaço (SANTOS, 2014a), onde se afirma a paisagem como transtemporal e o espaço como sempre presente. Enquanto categoria transtemporal, não seria a paisagem um suporte importante para estudos de cunho materialista histórico e dialético?

É na Geografia Cultural Radical que se encontram as melhores pistas para o diálogo entre as tradições crítica e humanista. Ao conceber as paisagens como “maneiras de ver” que “agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente” (COSGROVE, 2004, p. 223), nelas estarão contidos os códigos culturais do observador, ou referentes ideológicos. Com efeito, a concepção da geografia cultural radical “representa bem o que a inspiração marxista atribui a ideologia: uma função de mascaramento da realidade” (BERDOULAY, 2012, p. 112). Assim sendo, a produção das paisagens torna-se um importante elemento para a disputa de narrativas sobre uma dada localidade, podendo estas paisagens expressar os códigos de uma cultura dominante, ou de uma cultura alternativa.

Considerando que o poder se expressa e se mantém na reprodução da cultura, Cosgrove (2004) apresenta a cultura dominante, alternativa, emergente, residual e excluída. A cada uma dessas corresponderia uma paisagem que reproduz os valores simbólicos do grupo social que a anima. Nesse sentido, o poder do grupo social dominante é

“mantido e reproduzido, até um ponto consideravelmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar, por quaisquer meios disponíveis e por todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência e ter essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um” (COSGROVE, 2004, p. 230)

É reproduzindo através do uso dos meios de comunicação, da peças publicitárias e das intervenções que agentes produtores do espaço como proprietários fundiários, agentes imobiliários e o próprio Estado constroem a retórica de uma paisagem ordenada e desordenada, sustentável e não-sustentável, regular ou irregular, segura e insegura, informando aos demais segmentos a paisagem da cultura dominante como o exemplo a ser seguido.

Para citar um exemplo, do ponto de vista de quem mora, um bairro de condomínios fechados pode inspirar segurança, com muros altos e verdadeiras fortificações. No entanto, para quem apenas se desloca no bairro como pedestre, a mesma paisagem pode provocar sensação de insegurança. Mas as peças publicitárias, discursos produzidos por agentes imobiliários, associam tais empreendimentos a ideia de segurança. Ao mesmo tempo, paisagens de bairros periféricos são representadas em jornais como irregulares e em telenovelas associadas com a insegurança.

Os agentes produtores do espaço, proprietários fundiários, agentes imobiliários, o Estado e grupos sociais excluídos (CORREA, 1989) estão imersos nesta disputa de paisagens. Agentes imobiliários e fundiários estão entre os que produzem paisagens da cultura dominante, enquanto grupos sociais excluídos acabam por produzir paisagens alternativas e emergentes. Estes processos não ocorrem separadamente, bem como apresentam contradições em seu interior, não sendo possível recorrer a esta divisão de forma hermética. A própria categoria “grupos sociais excluídos” requer uma melhor caracterização, dada a amplitude das populações que esta abarca, além

de ser questionável se de fato estas populações estão excluídas, ou incluídas de forma precária.

4 | DISPUTA DE PAISAGENS NO SUDOESTE DO RECIFE

Exemplo de articulação entre o material e o simbólico, que nos permite discutir as convergências entre as tradições crítica e humanista da Geografia, é o recente processo envolvendo uma área do Sudoeste do Recife (figura 1). Localizada na Região Político-administrativa nº 05 do município, a área vem sendo transformada pela ação do Estado, através da prefeitura, de agentes imobiliários e de moradores.



Figura 1 - Recorte de parte da RPA 05 do Recife (Satélite)

Fonte: Google Maps. Acesso em: 28 jun. 2016

Na área em questão (em amarelo), agentes imobiliários apresentaram ao conselho de desenvolvimento urbano local a proposição de construir um shopping e um bairro planejado. Na mesma área, a prefeitura construiu uma praça. No entanto, após a construção, a área que a circunda passou a ser ocupada por moradores que, aos poucos, foram substituindo as moradias mais precárias por casas de alvenaria. Neste processo, é possível identificar a que referenciais os empreendimentos desejam vincular o projeto do shopping e do bairro planejado. As peças publicitárias recorrentemente fazem alusão a manutenção da área verde e a instalações que viabilizam o uso de transportes não poluentes (figura 02).



Figura 02 – Representação de paisagem projetada pelo empreendimento

Fonte: Vídeo de apresentação de empreendimento localizado no Sudoeste do Recife. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Xy6e7xnIEoY>>. Acesso em 27 jun. 2016

Em parecer favorável ao projeto do shopping apresentado no Conselho de Desenvolvimento Urbano do Recife (CDU), o parecerista afirma que o projeto trará ganhos econômicos, sociais e ambientais para o Recife, dentre os quais o de que “será um indutor do crescimento de nossa cidade para áreas ainda não habitadas, contribuindo para descentralização comercial e habitacional e a valorização imobiliária do entorno” (Disponível em: <<http://selurb.recife.pe.gov.br/sites/default/files/Parecer%20do%20Projeto%20do%20Shopping%20Metropolitano,%20no%20Jiqui%C3%A1..pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016). No entanto, 15 dias após a emissão do parecer favorável ao projeto, realizou-se na Câmara Municipal do Recife uma audiência pública para tratar da legalidade de moradias que se encontram no terreno do projeto aprovado (Disponível em: <<http://www.recife.pe.leg.br/eventos/audiencia-publica-tema-legalidade-das-moradias-na-comunidade-cabeca-da-vaca-e-caxito-bairro-de-san-martin>>. Acesso em 26 jun. 2016), revelando uma cotradução entre o parecer e uma realidade na qual ocupações de uso habitacional que já se encontravam em curso.

Na avaliação deste processo, que está em curso, pretendemos perceber de que forma se apresentam paisagens da cultura dominante e paisagens alternativas. Quando o terreno destinado ao projeto foi ocupado, no ano de 2015, na perspectiva dos grupos sociais que o ocupavam, tratava-se de um terreno vazio, mas na perspectiva dos proprietários do terreno, a destinação daquele terreno era permanecer vazio para o projeto futuro. Assim sendo, a “maneiras de ver” guiou os moradores a ocupar o terreno, enquanto na perspectiva dos agentes fundiários que detém a propriedade, aquele deveria permanecer como estava.

As disputas em torno da área analisada se dão na dimensão do território, uma vez que os lotes de terra estavam sendo reivindicado para usos diversos. Mas associada a esta disputa territorial, há também uma disputa através da paisagem, na qual os agentes imobiliários lançam mão da retórica ecológica e dos “ganhos para cidade” associados ao seu empreendimento através da publicidade, em contraposição a ocupação, cujas reportagens alcunham como invasão, ou as áreas de moradia consolidada, que a

audiência pública debate a legalidade ou ilegalidade.

5 | CONCLUSÃO

Superar as divisões no interior das ciências geográficas parece ser um objetivo com o qual todos, em abstrato, concordamos. No entanto, ao promover o diálogo entre diferentes escolas de pensamento, fatalmente esbarramos nas diferenças de método de abordagem, de conceitos mais frequentemente utilizados e de temas abordados. No entanto, este diálogo se faz cada vez mais necessário, dada a incapacidade de compreender os fenômenos complexos adotando uma visão fragmentada dos mesmos.

Ao buscar pontos de convergência entre a Geografia Crítica e a Geografia Humanista, encontramos, de um lado, uma interpretação a partir das relações sociais de produção que por muitas vezes não desce até o nível do espaço vivido; do outro, encontramos um mergulho no subjetivo que coloca o indivíduo e o singular em posição de destaque, mas que corre o risco de perder a visão de conjunto, na qual este indivíduo se vê em meio a um contexto social de profundas contradições.

A Geografia Cultural Radical parece ter encontrado um caminho entre as tradições crítica e humanista, recorrendo para isto ao conceito de paisagem. Ao resgatar a ideia do modo de produção enquanto modo de vida, e das paisagens como expressões de culturas dominantes, alternativas, emergentes, residuais e excluídas, saímos de um universo economicista e desprovido de subjetividades, mas não entramos em outro no qual as relações sociais de produção desaparecem.

Portanto, embora a perspectiva crítica e a humanista representem trajetórias diferentes no interior da Geografia, a aproximação entre as duas pode ir muito além da discordância com o paradigma neopositivista, sendo necessário para isto reconhecer a dimensão subjetiva das relações sociais de produção. No Recife, observamos esta dimensão no contexto das disputas em torno de uma área que é alvo do interesse de agentes imobiliários, moradores e da prefeitura municipal. Uma disputa que se trava pelo chão, mas também pelos referentes ideológicos do que é legal e ilegal, regular ou irregular, sustentável ou insustentável.

REFERÊNCIAS

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. Quatro comentários sobre paisagem e região. In: SÁ, Alcindo José de; CORRÊA, Antonio Carlos de Barros. Regionalização de Análise Regional: perspectiva e abordagens contemporâneas. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa (Org.). Olhares Geográficos: modos de ver e de viver o espaço. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012, p. 101-131

CAPEL, Horacio. Filosofia e ciência en la Geografía contemporânea: una introducción a la Geografía. Barcelona: BACANOVA, 1981.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (Re)produção do Espaço Urbano. - 1. ed. 1. reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. - 3a. Edição - Rio de Janeiro: Editora Ática, 1989.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia Cultural radical: Problemas da Teoria. In: Periódico Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, n. 5,pp. 5-29, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123

GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica. Recife: Editora Massangana - Fundaj, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e Abordagem Cultural em Geografia. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 30, n. 3, p-393-419, set./dez. 2005

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. 1ª ed. revista - São Paulo: Boitempo, 2010.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. – 4. ed. 8. reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2014(a).

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. – 6. ed. 2. reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2014(b).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

